Lenah Di Oliveira

Vitória-Régia. Uma história da Amazônia.

Primeiro Capítulo

O fascínio da vida está nos olhos de quem vê.

Eu acordei com a sensação de ter morrido e ressuscitado após décadas enterrado em um rio. Estava um silencio tenebroso. Permaneci intacto, não sabia ainda que eu já podia movimentar alguns órgãos do meu corpo. Esperei por algum sinal de que eu estava em algum lugar abandonado ou povoado, talvez eu estivesse no inferno. Fiquei refletindo sobre as minhas ultimas visões. Apenas sabia que elas não eram minhas. Eu me despertei com o som da porta se abrindo. Em um impulso os meus olhos tentaram abrir para ver ao redor, mas lembrei de que já havia décadas que eu estava cego. Mas ao mesmo tempo o meu cérebro me perguntou de como eu sabia o tempo que havia passado desde aquele maldito dia em que perdi a minha vida? Eu sentia o meu corpo pulsando, coçando, e a minha boca sentia sede.

'No momento que ele acordar você me chama, por favor. ' Era uma voz feminina. 'Pode deixar. ' O homem deu uma pausa. 'Pobre homem!' Ele rodeou a minha cama e sentou-se. Respirou fundo como se estivesse muito cansado.

Eu queria falar, mas eu sabia que não podia. Disso eu lembrava muito bem. Mesmo assim eu tentei.

'Oi?' A minha voz estava presa, mas eu consegui dizer algo. O meu coração disparou, quase me sufocando, eu queria fazer milhões de perguntas. 'Senhor? Onde estou?' Perguntei a ele, e percebi que ele se ergueu de seu conforto em segundos, impressionado. 'Você está seguro meu filho. Agora você está seguro. ' O homem afirmou ao se aproximar e segurar em minha mão bem forte. O que ele sabia que eu não estava ciente ainda?

'Como posso está seguro? Cadê Vitória? Ela está bem?' Eram uma das minhas ultimas lembranças, e também uma das visões que estava na minha mente, Vitória em perigo. Eu precisava fazer algo.

'Não se preocupe, todos estão em segurança. Você se lembra de como chegou aqui?' O homem perguntou-me.

'Não. Não lembro. Está tudo muito confuso, parece que vivi momentos na minha vida, mas não era eu, ou se como os meus olhos estivessem me vendo, mas no rosto de outra pessoa. ' Eu expliquei tentando achar uma explicação para mim mesmo. Tive a sensação de estar vivendo um pesadelo sem fim, onde eu estava debilitado, sem poder me

mover, sem poder correr, mas naquele instante eu sentia o meu corpo. Eu estava acordado. Uma sensação nova, de poder, de querer correr e fugir daquela vida, daquele espírito.

'Nos primeiros dias vai ser normal todas essas lembranças, mas depois ele vai se habituar. ' Disse uma voz feminina explicando ao homem. 'Mas preciso lhe pôr para dormir, nos falamos mais tarde, tudo bem?' Ela não esperou que eu lhe respondesse. Eu cair em sono profundo, que me levou á outro mundo. Desde o inicio não gostei daquela mulher.

Tenho a mínima noção de como cheguei naquele ponto mais alto do rio, vejo o meu corpo caindo na água em velocidade máxima, mas vejo o meu corpo se afastando de mim lentamente, a minha cabeça sangrava, eu já não sentia as minhas pernas, mas eu via sangue, eu via os ossos dos meus joelhos, eu vi os meus olhos feridos a golpe, o meu rosto estava acabado, com várias feridas feitas a faca, lembro-me de que eu estava nu, eu estava fraco, o meu corpo estava fraco, no momento em que eu caia, eu já não o sentia em mim, apenas via o meu rosto se apagando em minha mente enquanto eu caia em uma Usina Hidrelétrica no meio da Floresta Amazônica.

Senti a minha alma sair do meu corpo, com a velocidade da minha queda no meio da violência da água, sentir os meus olhos saírem do meu rosto enquanto que eu me afundava e era carregado para a força dos geradores de energia, então, eu vi um anjo como uma índia me dando suas mãos para que eu as segurasse firmes, não hesitei, a minha vontade de viver era maior do que qualquer outro sentimento, maior do que o meu medo. Seus cabelos negros vestiam o seu corpo quase nu, coberto apenas com tinta, ela sorriu quando alcançou a minha mão e me puxou com toda força. Acho que então, tudo ficou pior. Infelizmente! Enquanto ela me puxava eu sentir raiva de mim, pois eu via a nossa morte, por que não morrer sozinho? Eu lutei contra ela, para que ela me deixasse ir e vivesse, mas não obtive sucesso e em todos os anos que ficamos lado a lado, ela estava lá, comigo, segurando forte em minha mão, dizendo que tudo iria ficar bem, mesmo contra a minha vontade. E no único momento que eu queria pedir que ela ficasse, ela se foi, sem ao menos dizer ao certo o seu nome. Em todos os anos de minha vida eu não passei de um miserável, de mais um homem perdido entre a razão e a infelicidade de ter sentimentos, que não tive a felicidade de controlá-los nunca. Sempre guiado pelo meu

orgulho, o meu coração, ou apenas vontade de poder gritar e implorar para que me vissem, afinal, eu não era invisível, nunca fui apenas mais um inútil. Pelo menos esse foi o desejo do meu coração, apenas que me vissem e me amassem pelo que eu era no presente, e não apenas pelo meu infeliz passado.

Como eu vim chegar aqui? Na beira de um rio, sendo arrastado por uma garotinha que não tinha o terço do meu corpo. Nesse momento eu me vejo, e sinto pena de mim mesmo, mas não me vejo com os meus olhos, afinal, estou desmaiado, com o meu corpo nu, estendido nas folhagens de vitórias régias que a garota arrumou para mim. Ela cobriu o meu pênis com uma folha, acho que a incomodei com essa parte de mim. Vejo as mãos dela fazendo uma rede, e com a minha falta de sabedoria em sobreviver na floresta eu imagino que seja para carregar o meu corpo. Os meus olhos está atento a tudo, como se eu estivesse dentro dela. A garota selvagem se atenta a qualquer barulho, e enquanto faz a rede ela evita fazer barulho. Eu me vejo novamente, estou lá sangrando, os meus joelhos estão exibindo os músculos. Fico atemorizado, mas volto a minha atenção para a

rede. Que estranho, estava o meu espírito naquela menina?

Queres ter a certeza de que estou lhe falando o certo? Tenho medo de falar a verdadeira história e você me julgar e apenas desistir de mim, mas não ficarei surpreso, pois me acostumei com a história de quê todas as pessoas que eu amei, desistiram de lutar por mim por verem que não valho a pena. Por verem que o meu fracasso sempre se propaga por onde eu passo, e obrigo todas as pessoas que se aproximam de mim a abrirem mão de sua liberdade e fé, como eu, mesmo estando inconsciente ainda roubo a vida dessa menina, poderia ela apenas me largar ali, eu já estava morto?

Eu admito que já perdi todas as lutas das quais eu me meti, eu já perdi todos os sonhos e toda a fé, eu já me dei por miserável, mas por quê que não consegui ver o meu fim sozinho? Que dor, é ter que admitir que agora estou em um hospital me recuperando com bons médicos, após roubar vidas, de todos que um dia eu amei.

Triste fim para um homem, quando o passado o envergonha, e mais ainda, quando o amor o faz doer e desejar a morte. Mas fato é que nem todos os amores terminam com um final feliz, ou tipo

Romeu e Julieta, alguns fins apenas nunca acabam e percorrem gerações.

Ás vezes eu ouço a voz dela, eu sinto o cheiro dela, ás vezes eu sinto-a me carregando e me odiando, me odiando por ter entrado em sua vida, ás vezes eu sinto o beijo dela em minhas mãos e suas lágrimas com o efeito de solda caustica rasgar o meu peito, milhares de vezes eu ouvir o grito dela, milhares de vezes eu sentir o olhos dela me analisarem, milhões de vezes eu quis ver o sorriso dela, mas estava impedido.

Talvez a minha história comece com a história de uma pequena indiazinha brasileira, não conheço muito dela, mas me lembro de alguns detalhes que ela me contara enquanto lutávamos pela sobrevivência, sinto falta dela, de sua coragem e também de sua fraqueza, sinto falta de quando brigávamos e queríamos nos matar, sinto falta até dos piores pesadelos que poderíamos ter compartilhados, como sinto falta de poder chamá-la de minha indiazinha enquanto ela me guiava pelo meio da floresta, mesmo que inconscientes. Apenas perdidos em nossas insanidades e dores de não poder falar o quanto queríamos que alguns momentos percorressem nossa eternidade.

Nunca fui um soldado, mas por anos percorri uma guerra, e nunca identifiquei o momento de lutar, de parar, de morrer, nunca soube o momento de matar ou apenas correr, eu quis correr, fugir de todo aquele sangue percorrendo seu corpo. Para ser honesto, eu desejei nunca ter nascido para assumir aquela miséria, meu Deus, como eu pude ser tão fraco? Afinal, sempre existe o momento certo para quebrar-se por inteiro e deixar-se ir. Não consigo acreditar no meu presente, no meu passado, e não quero olhar para o céu do futuro com esses olhos e ver que o sol está penetrando nos olhos dela, não posso acreditar nessa guerra infernal, como o amor pode ser tão fraco, tão covarde? Talvez eu apenas seja egoísta demais para chamar isso de amor, mas na verdade eu queria que ela desse a sua vida por mim, o que causa a maior dor do mundo em minha alma, se é que ainda existe em mim, já deixei de acreditar.

O meu nome é James, James Cahill, sou alemão, o que me levou até a Amazônia foi apenas a desejo de fugir do meu mundo, eu não imaginava o que estava a minha espera, se eu imaginasse, certamente nunca teria tirado a minha bunda branca e magra da Alemanha. Se eu soubesse que um anjo infernal estava me esperando na beira de

um rio, eu nunca teria percorrido as trilhas que me guiaram até os olhos dela, infelizmente, eu acabei caindo nos braços dela, e ela teve a infelicidade de estar com os braços abertos, mesmo que coração e alma trancafiados, nossos olhos pertenciam ao mesmo mundo, mas nossos destinos seriam guiados para infernos diferentes.

******

No coração da Amazônia, com a paisagem mais linda do Planeta Terra, com as arvores mais altas, centenárias e excêntricas, eu perdi os meus olhos no meio das cores, dos sonhos, não há como não se perder naquele mundo, gritos de inocentes, gritos de inocentes felizes, risos de mulheres machucadas pelo passado, por sua cultura. Grito de bebês sufocados pela terra, gritos de mães com as mãos atadas, gritos de guerreiros impondo sua autoridade, gritos de milhares de almas implorando por clemência de seus Deuses, aqueles gritos se juntaram com o meu grito que estava silenciado há anos, aqueles gritos de miseráveis me deram liberdade.

Imagine uma garotinha de seis anos, cabelos negros, olhos grandes como um açaí e pretos como

a escuridão da Amazônia, que esconde seus mistérios mais assombrosos com a cair da noite, sua pele clara estava marcada com o sol, seu físico já era de uma guerreira, braços e pernas com músculos, ela já era experiente em escalar arvores gigantes e também a caçar animais para a sua alimentação. Sempre estava a correr atrás dos animais, subindo em árvores e gritando assustada com cada coisa nova que surgia em sua vida, ela estava no auge de sua curiosidade e de sua fé. Pobre menina, os seus dias felizes estavam contados juntamente com os seus passos de liberdade, que brevemente teriam fim, ou prefiro pensar que nunca existiram, porém a imaginação dela era mais visível do que as grades que a trancava naquele submundo.

Ela estava sobre uma pedra gigante dentro do rio, bem no centro cercado por correnteza e enigmas da natureza amazônica, não queira saber o que se esconde nessas terras, desde espíritos da floresta a lobisomem, Espíritos que roubam almas de inocentes, Saci-Pererê, Mãe d'água e outros que nunca deixaram de ser reais. A índia se pôs de pé, e começou a se comunicar com os seus deuses. Para cada sonho ela tinha o seu Deus.

'Obrigada Deus do Mar, Deus do Sol, obrigada meu Deus por me fazer uma índia tão corajosa, Obrigada Deus por que eu sou uma guerreira e defenderei o meu povo até a morte! Obrigada Deus! Eu me chamo Vitória!' – Em seguida uma gargalhada com um sorriso escondido no temor de ter alguém a observar. Ela continuava de pé, com a coluna ereta, os ouvidos atentos e o coração a bater bem forte, na mente pulsava uma bomba de curiosidades ao olhar no fundo do rio escuro e assombroso, que escondia muitos mistérios, muitas crianças desapareceram no mesmo, sem nunca ter sido encontrado um sinal do corpo, todos acreditavam que eram os espíritos que haviam levado as crianças e rapazes, em caso das moças bonitas, era o boto que levara para o fundo da água, sem deixar nenhuma pista, sem nenhum pedido de socorro. Para os biólogos, e até hoje acreditam que são animais que comem algumas pessoas que ficam desprevenidas em lugares isolados, em poucos casos foram encontrado crianças ainda com vida dentro de cobras gigantes, mas também tem os jacarés da Amazônia, extremamente agressivos e carnívoros. Sei que você conhece alguns dos animais mais famosos da floresta como a onça-pintada, ela é inteligente, ágil e sempre com fome, nunca queira conhecer

uma onça-pintada no meio da floresta, não terá opção de fuga. 'Que tipo de inimigo eu encontrarei quando eu estiver bem no fundo?' Pensou ela se perguntando e se afirmando que deveria treinar para ser a melhor, mesmo que seus inimigos fossem apenas imaginários, por enquanto.

Os seus olhos se curvavam sem erguer ou fazer qualquer movimento com a cabeça, apenas os olhos e os ouvidos conseguiam sentir, ver a tudo que aproximava, os ouvidos traziam-lhe o som do perigo quando assim ela se encontrava. Pobre indiazinha, aos seis anos tinha uma visão do mundo tão diferente, será se aquele mundo um dia existiu mesmo? Será que toda aquela fé não foi em vão, por que uma hora vem uma força e quanto mais você luta ela tenta te levar de qualquer jeito, tem um momento que se você ficar de pé não é uma boa escolha, o melhor é se ajoelhar e ceder por algum tempo, por alguma razão, pelos menos até ter certeza de que o seu opositor se convenceu de que tu és fraco, é um acabado, um nada, quando esse momento chegar, então você se ergue e não precisarás usar a força, terás apenas de provar para o seu inimigo que tu já ganhaste a guerra. Afinal, o bom soldado aprende cedo que se vencem as maiores guerras da história não é só

com sangue derramado, mas sim com a mente trabalhando junto com a alma.

Não tive a felicidade de aprender cedo o quanto se vale lutar com a razão e o silêncio, isso me custou o preço da minha maior vitória. Eu perdi para o nada a minha paz, e como observador lamento muito não poder voltar no tempo e mudar os meus pensamentos, as minhas estratégias de guerra. Quem era o meu maior inimigo? Certamente que era eu mesmo, e meus fantasmas.

Mas como um bom ser humano que fui não soube aprender com o sofrimento de ninguém, eu tinha que pagar para ver, quando eu conheci Vitória eu tive vontade de fugir, mas ao mesmo tempo eu queria levar ela comigo, esse foi o meu pecado, pois ela já estava acostumada aos seus rituais, a vida miserável da qual foi imposta a ela, eu não deveria me intrometer.

Um dos rituais de Vitória durante duas décadas foi sentar-se á beira do rio que ficava há alguns quilômetros de sua casa e fazer juramentos ao seu povo em agradecimento ao seu Deus por toda a prosperidade que havia naquela terra, pois até que os olhos não percorrem a dor ou as pernas se quebrem no meio da caminhada, não existe outra realidade, e não queremos enxergar outra

realidade quando se estamos no meio da Floresta Amazônica, no meio de toda aquela beleza e fé, nem quem está dentro e tão pouco quem está fora imagina tanta crueldade e hipocrisia dos homens dessa terra. Embriagamos-nos com toda a inocência perdida e a ignorância acumulada ao longo de todos os séculos e mudanças ao nosso redor traga pelo desespero dos brancos em acumular poder, nos tirando vida, sonhos e roubando nossas almas, mas acredito que sempre foi assim, os fracos sempre servem de combustível para aqueles que se veem no poder.

A indiazinha caiu no rio em meio a toda felicidade, nadando como um peixinho até o fundo do rio tentando ser a heroína da casa e provar que conseguia pescar sem vara de pesca, em seu pensamento astuto imaginou que poderia surpreender um peixe grande as escondidas entre as madeiras no fundo do rio, imaginou demais e pôs a sua vida em risco, ela foi surpreendida por uma raia que ferrou profundamente o seu calcanhar, a menina ficou lançada no fundo da água se afogando sem conseguir se concentrar na sobrevivência, a dor era tanta que a própria esqueceu-se de nadar.

Eu gostaria de saber o que se passara em sua mente nesse momento, mas conhecendo-a pouco, eu posso imaginar que ela se indignou com os seus deuses por morrer tão jovem, pois ainda precisava fazer história. Ainda deveria crescer e casar-se, ter vários filhos e transmitir todo o seu conhecimento para os seus descendentes. Acho que ela nasceu com o dom da força, pois conseguiu sair dessa, e em menos de alguns segundos, não consigo descrever o tempo, em um reflexo ela estava na beira do rio chorando e gritando com uma boca enorme desesperadora, as suas lágrimas doíam até as espinhas de sua coluna. 'Mãe!!! Eu vou morrer! Mãe.' – Ela tentava chamar atenção de todas as formas, ninguém veio socorrer a pobre indiazinha, então ela se remanejou e engoliu o choro, se levantou e saiu andando só com um pé até a sua casa. Levou por volta de uma hora, uma eternidade para quem está com uma hemorragia no calcanhar. ' Mãe?' Ela chamou por sua mãe enquanto entrava devagar em sua casa.

Sua casa era uma das ocas construídas com palha e improvisada com algumas partes feita de barro, ao lado da casa de seu pai havia várias outras casas tanto de seus tios, seus avós e outros índios da aldeia, muitos de seus irmãos também estavam

casados, haviam construído mais ocas. Vitória chamou por todos, mas não havia ninguém por perto.

Ela vistoriou tudo e não tinha ninguém, nem pai, nem mãe. Na verdade o seu pai nunca estava em casa, sempre estava a caçar, e quando não estava caçando era certo de que estava se embriagando com os seus amigos de caça.

Depois falamos da família da indiazinha, especialmente de sua irmã Dira. Uma das irmãs mais novas, quatro anos depois de Vitória. Elas eram amigas, elas eram uma só. Elas eram sonhadoras e corajosas. Ambas queriam ser guerreiras da Tribo Kuruaia, um povo alegre, bonito e com muitos segredos.

Vitória-Régia ganhou esse nome de sua mãe, pois em seu nascimento ela teve que vencer a sua primeira batalha, pois a sua família foi infectada pelo mosquito da dengue, levando toda a aldeia ao desespero, sua mãe teve uma dengue hemorrágica fazendo com que a gravidez fosse abortada, a mãe tomou algumas ervas e aos cinco meses nasceu a Vitória-Régia que aparentava saúde e estado psicológico bom. A família e a parteira guardou segredo de todos e assim salvou a vida da pobre criança, que mesmo desnutrida e com o corpo

frágil, insistiu em viver. Ainda vamos falar mais sobre as crianças que tem a infelicidade de nascerem doentes, mas basta saberem que na maioria das vezes elas são sacrificadas vivas, pois acreditam os índios que as crianças nascem doentes são crianças amaldiçoadas por seus Deuses.

E agora, mais uma vez estava a lutar sozinha no canto de sua casa. Ela pegou uma faca para cortar um pedaço de tecido para amarrar ao ferimento estancar o sangue e com sucesso o fez, sozinha conseguiu atar a sua rede, pois com algumas experiências doloridas havia aprendido que não se suja a rede de outra pessoa com sangue.

Após se alto medicar tomando o chá de algumas ervas que foram esquecidas ao lado do fogão improvisado, ela adormeceu em sua rede. Sua pele havia uma segunda cobertura de sujeira, deixando-a mais bronzeada, com seu traje indígena, a criança de apenas seis anos de idade tinha comportamento de adulto, o instinto de sobrevivência que aprendeu cedo, a ter fé no impossível e não ter medo do real e sim do sobrenatural que os homens carregam.

Segundo Capítulo

Vitória adormeceu em sono profundo, teve pesadelo carecido pela intensa infecção que se propagava em seu minúsculo calcanhar. A pequenina surpreendeu sua mãe, que chegando à noite de um dia intenso de pesca com as outras índias encontraram Vitória-Régia debilitada, ela estava em sua rede, com o pé para fora, para não machucar enquanto se contorcia. A menina estava suando de febre e pálida, pois perdeu muito sangue.

Na pesca elas não obtiveram muito sucesso, trouxe consigo apenas pequenos peixinhos que dividindo, era pouco para a quantia de crianças. Os filhos mais velhos de Tainá, mãe de Vitória, estavam todos casados, assim aumentando mais ainda o número de crianças famintas. Todos faziam sua parte, mas a colheita e toda a prosperidade que a indiazinha acreditava que existia já não eram tão reais.

A mãe largou a bacia com alguns peixes e correu para os braços da menina que estava se abraçando para fugir do frio na rede, queimando em febre, o corpo tentando se defender sozinho. A menina não

acordou e mesmo sua mãe tentando despertá-la, ela continuou a dormir todo o restante da noite.

A mãe cuidou do pé da garota com outras ervas, aplicando copaíba após fazer curativos e por outros sedativos no ferimento, para romper as bactérias e parasitas que poderiam se apossar da zona quentinha que era o ferimento.

Por volta das três da manhã todos acordaram, com o barulho do pai bêbado procurando comida para dar para os amigos, não havia comida nenhuma, pois haviam se alimentado com todos os peixes que a mãe havia pescado. Varando a madrugada a mãe cozinhou um bicho preguiça, havia sido caçado há algumas horas antes pelos amigos do pai de Vitória.

Às cinco da manhã todos estavam a se deliciar com tempero único de Dona Tainá. Vitória-Régia acordou faminta, sua irmã Dira veio dar-lhe uma ajuda e preocupada com o ferimento que parecia estar sarando bem rápido. Vitória-Régia comeu um pedaço do Bicho Preguiça, e com a sua energia recolocada já saiu com os seus irmãos, primos, sobrinhos e até quem não era parente estavam todos a brincar e achar engraçado o estado de Vitória, andando só com uma perna, parecia um Saci-Pererê, e ela estava a gostar de toda a

atenção, todos brincando de curador. Foi um dia muito interessante, cansativo, todos estavam de volta as suas redes logo ao anoitecer, e ninguém se importava com os inchaços nos olhos e hematomas enormes pelo corpo de Tainá, surra dada pelo seu índio, que era autoridade máxima da casa. Ela uma mulher sofrida, estava grávida pela décima quarta vez, em todas as gravidezes havia tido algumas complicações, algumas de suas crianças haviam nascido muito fracas e com problemas visíveis de saúde, às crianças foram sacrificadas. Ato comum em algumas tribos, pois uma criança que já nasce com deficiência jamais progredirá para um soldado de uma tribo que tenha ambições, e religiosamente, é apenas uma maldição lançada á família ou a criança.

Eu não gosto de imaginar a verdade que se esconde atrás de uma cultura, religião ou apenas costumes levado a sério. Mas sempre haverá verdades que deverão ficar ocultas para não gerar uma revolta popular. E, além disso, até que a verdade não seja escandalizada, ninguém se importa.

No dia seguinte Vitória teve uma notícia ruim, logo pela madrugada quando acordou ao sentir o pé doendo muito e coçando, viu que havia

infeccionado muito, ela começou a chorar de dor, era de partir o coração. Todos ficaram comovidos com a sua dor horrenda. O seu pé ficou apodrecido de tal maneira que deu bichos de varejeira. A dor estava corroendo a sua alma e os bichos detonando com toda a carne e músculos na região do ferimento, deixando os ossos á amostra. É incrível como esses bichos são eficientes para apodrecer qualquer outro ser animal, e tudo isso por que ela ousou em comer do Bicho Preguiça.

Em semanas a índia estava apenas com uma enorme cicatriz no calcanhar, já estava trabalhando, tirando mandioca da roça, pescando e até colhendo frutos nas árvores mais altas da floresta junto com os macacos, que não eram muitos, pois era um alimento delicioso para a aldeia. Quatro anos passaram e mesmo com apenas dez anos, a pequena Vitória começou a ver a realidade da sua vida e a verdadeira história das pessoas que a amava.

Até este ponto falei poucos dos outros índios comparando á tudo que tenho vivenciado, todas as histórias e mentiras que vi e senti roubando um pedacinho da minha humanidade em meio a minha inocência e a minha doce fragrância de sentir a alma das pessoas percorrendo em minha

volta, posso dizer dificilmente conseguirei dar nomes, sentimentos e um olhar á cada espírito que vi se perder em meio da ignorância de não ver um futuro diante do próximo passo até a morte. De alguma forma eu vi guerras, pessoas destruírem famílias, sonhos que nunca veio à tona por falta de apenas um sim, um ouvido para ouvi-lo se tornando real. Quantos de nós sentamos em uma laje em um centro de uma cidade barulhenta como em São Paulo próximo de um aeroporto internacional e ao ver o pôr do sol fecha os olhos e pergunta para Deus se todas aquelas pessoas que estão indo para destinos maravilhosos como Dubai, Londres, Paris, ou qualquer outro lugar que não seja a Índia ou Tailândia, se elas realmente têm um destino. Se todas tem um caminho a percorrer, quantos de nós já paramos no meio do zero e perguntou para si mesmo, estou pronto para morrer agora? E se eu morrer daqui cem anos, eu estou pronto para viver agora? E todo esse tempo que parece que não tem fim, no seu tempo pode ser mais oitenta anos trabalhando no mesmo emprego, ou imagine cinquenta anos aguentando a mesma família te criticando, dizendo que não és capaz de arranjar nada melhor, tanto financeiramente ou emocionalmente. Já parou no meio do nada e afirmou? 'Caralho! Eu

vou viver mais quarenta anos, tenho que ver o que vou fazer nesses quarenta anos e datar as minhas metas agora. O que faço?' Na verdade é que ninguém se planeja para morrer agora, ou daqui a cem anos, ou pior, viver mais cem anos. Quem me dera se todos tivessem um amanhã.

O que quero dizer com toda essa filosofia triste de vida e morte, é que não temos um plano perfeito, não nos conhecemos, e às vezes a única solução é parar no meio do caminho, afinal, para que andar se sei que nunca chegarei a nada?

Tainá, um dia foi apenas uma garotinha de treze anos que sofreu abusos sexuais e foi obrigada a casar com um bêbado e preguiçoso para salvar a sua reputação diante da família, mas que família? A doce Tainá nunca entendeu por que veio a vida, só pra ser infeliz e ser espancada por nada e por todos em todos os seus dias, ser apenas uma égua parideira de vinte filhos, com alguns mortos, mas ela lembrava-se de todos, dos nomes que sonhara, lembrava-se dos seus rostos, por mais que nem tivesse vindo ao mundo, pois perdera alguns bebês, devido os espancamentos constantes do marido. Tanto sofrimento durante décadas e não lhe restava uma história, não lhe havia sentido a vida, ela simplesmente aprendera a bloquear seus

pensamentos, seus questionamentos, aprendera a não sonhar, mas os seus pesadelos eram constante a todo o momento.

Desde a primeira filha, no momento com vinte anos, ela já casada e mãe de cinco filhos, Tainá viu sua história se repetir, sua filha sofrendo abusos de seu próprio pai, que alcoolizado sempre procurava as filhas para ter relações sexuais, isso feria a cicatrizes de Tainá de uma forma impiedosa. Foram anos sentindo a mesma dor de incapacidade.

'Vitória? Preciso da sua ajuda, venha comigo!' Essas foram as palavras de seu pai, para levar Vitória para a floresta, a garotinha o obedeceu, e descobriu a outra face de seu herói. Prefiro não contar detalhes que não me foram ditos, mas a garota de antes, se transformara em outra para sempre.

Quando Taiguara estuprou Vitória ela sangrou de tal forma que não conseguiu andar por horas. Ela ficou ali, no meio do mato, jogada, meio inconsciente e com raiva da vida, e sem entender se aquele era o seu pai, o homem que sempre admirou. Suas lágrimas eram silenciosas e doloridas, despida Vitória não se movimentou,

apenas suportou a dor que estava no seu corpo e no seu espírito.

*****

'Você acha que isso é certo Dira? O pai fazer isso comigo?' Não é muito fácil tanto para um psicólogo ou para uma mãe, irmã tentar entender o que passa na cabeça de uma menina de dez anos que está sendo violentada pelo próprio pai, e acreditar que a dor, a humilhação faça parte do crescimento de qualquer criança comum. Ainda não tinha se tornando nem mulher, a cada dia ele estava sendo mais ousado, começando a abusar das filhas e dos filhos mais cedo, e em muitas vezes dava as filhas para uso dos amigos. O sentimento delas é de impotência, de ser incapaz de lutar pela própria liberdade. Neste momento Vitória-Régia estava sentada a beira do rio, sobre uma tábua de madeira grossa, já estava anoitecendo, e mesmo com medo da mãe d'água, Dira foi ver como estava a sua irmã, e também desobedecendo a ordens de sua mãe, que ao ver a filha sagrando e o pai com cara de suspeito logo soube o que acontecera, ela havia tentado parar o esposo antes, mas foi brutalmente espancada por dezenas de vezes, até que às filhas se acostumaram com a ideia e pararam de se lamentar para a mãe, uma

forma de se defenderem, elas deveriam apenas fazer o que ele pedisse.

'Você está com medo do papai?' Inocentemente perguntou Dira de forma bem sutil e com cuidado para não machucar mais ainda a irmã, ela segurou a mão de Vitória-Régia, enquanto ela lavava a vagina para estancar o sangue e tirar toda a sujeira deixada pelo pai. As duas irmãs se abraçaram e choraram, sentindo a mesma dor.

'Eu te amo, não vou deixar que ele faça-lhe mal também. Eu te amo muito minha irmãzinha.' Um juramento verdadeiro, vindo de toda a alma. Já era quase noite e a floresta estava tida pelos seus espíritos, o vento que descia junto com a correnteza do rio estava gelado e silencioso, noticiando uma desgraça.

'Eu vou cuidar de você, se o papai te bater de novo, eu vou bater nele até ele parar. Eu te amo.' Prometeu a pequena índia Dira, abraçando o mais forte que podia o braço frágil e tremido da irmã, que chorava e soluçava, olhando para o outro lado do rio tentando encontrar um buraco onde pudesse se esconder até achar uma saída daquele inferno.

‘Eu queria poder mergulhar e nunca mais voltar. Eu quero deixar de existir Dira. Não quero que ele toque mais em mim, dói muito.’ Vitória abraçou bem forte sua irmã.

‘Se você for eu vou com você.’ Ela tinha apenas seis aninhos, mas estava disposta a lutar junta a irmã.

‘Não posso te levar, a mamãe vai ficar maluca. ’ Dira limpou os olhos de Vitória e a beijou.

Ao ver as filhas se abraçando e chorando a mãe entrou em desespero, pobre Tainá, estava grávida de sete meses, e todos os dias era a mesma guerreira, sem reclamar, sem levantar a cabeça para o seu superior, sem demonstrar fraqueza aos seus seguidores, sem se importar com a própria dor, dor que havia lhe roubado a alma á tempos. Com os olhos sangrando de ódio e revolta, não viu outra saída a não ser parar, apenas parar de ver a mesma cena repetidas vezes, os filhos feridos, com a história manchada, frustrados, sendo escravizados pela rotina e a realidade miserável que ela havia os colocado. Ela tocou em seu ventre, havia uma vida a espera de vida, mas qual vida que o esperava? Total miséria e sofrimento, viver sem amor, dignidade, sonhos, de que adianta dizer que têm vida se não consegues viver?

O marido estava do outro lado do terreno, conversando com alguns amigos, cercado de filhos, o venerando, Tainá deixou sua mente se perder, as lembranças de todas as surras e o passado manchado pela família, nada poderia ser feito para recuperar a sua honra e de seus filhos, ao continuar observando da janela, ela viu o marido seguir o seu destino á floresta. Suas meninas continuavam a beira do rio machucadas, seus outros filhos famintos. Ela sentou-se no chão para se esconder de todos que estavam brincando ao céu aberto, em um calor infernal. Olhando para as ferramentas de cozinha, ela viu uma faca sobre a mesa.

Tainá ergueu-se e pegou a faca bem afiada, a mesma que milhares de vezes a sentiu em sua garganta, em momentos que seu marido a ameaçava, caso ela tentasse o afrontar, ele a mataria e jogaria o corpo aos jacarés. Tainá se deixou levar pelo dor de suas lembranças e o amor que sentia pelo filho em seu ventre, e apenas decidiu que não iria mais continuar a ser a causadora de tanto sofrimento, e com seus olhos cheios de lágrimas, o seu coração em desespero, Tainá com a força que lhe restava cortou-lhe a própria garganta, caiu no chão, o filho no ventre

tentou de alguma forma viver, luta perdida, afinal, jamais seria um bom soldado com alguma dignidade, ou seria?

Passaram-se alguns minutos, até que a mãe fosse encontrada por um dos seus filhos. Que procurou a mãe para pedir ajuda para cuidar de um dos irmãos mais novo. Raoni era um menino inteligente, forte e amável, porém, obediente demais ao pai. Ao ver a mãe sangrando no chão da casa, ele saiu correndo para pedir ajuda aos outros.

'A mamãe, ajude a mamãe. Por favor.' A dor desconhecida de Raoni, carregava em seu nome o dom de guerreiro, líder, mas quem em sua sã consciência gostaria de liderar o funeral de sua amada mãe e seu irmãozinho aos nove anos?

Ao ouvir o irmão todos os filhos e netos correram para os braços da mãe pedindo para ela não morrer, as crianças choravam com uma dor sem fim. Ao perceber Vitória e Dira correram para a mãe. Vitória ainda sem conseguir andar direito devido os seus ferimentos. Ambos com dificuldades para alcançar as mãos de Tainá, pois eram muitos filhos e netos.

'Vitória, prometa que vai fugir daqui, não deixe que ele pegue a sua irmã Dira, por favor, ela é a minha dívida com todos os outros. ' Tainá disse quase sem forças, agonizando com o sangue.

'Mãe, por favor, não morra, ele não vai mais me machucar, por favor. Fica! Apenas fica com os seus filhinhos. Por favor, fica!' Um apelo de todo o coração, mas insuficiente.

'Não posso, já fiz a minha escolha. ' Então, todo o silêncio diante dos gemidos tomou posse de cada indiozinho, que via sua única proteção abrir mão da vida por que não via mais sentido em lutar contra o nada, o nada que ela nasceu, com o nada que casara, com os nadas que havia parido, com o nada do dia a dia, não ouvia nada que a fizesse feliz, de nada em nada tudo se transformou em uma dor infernal. Quantas mulheres não convivem com esse mesmo nada?

Até que ponto a nossa liberdade não nos rompem a nossa humanidade? Até que ponto nós podemos suportar a dor de encarar o fato de que somos apenas humanos, às vezes ineficazes, insuficiente? Chega um ponto que ser forte é apenas uma questão de opinião, por que a carne já está apodrecida.

A dor daquelas infelizes e miseráveis crianças era insuportável, cada olhar era um por que, cada movimento era um sentimento de traição, pois como pudera ela deixá-los sozinhos? Pobres, eles não tiveram a oportunidade de aprender a sobreviver ao mundo dos sentimentos, estavam eles adaptados a apenas sobreviver a toda a consequência de dias ruins que nunca acabava a fome, os estupros e o silêncio, ninguém podia ousar a questionar por que tinham que viver mais um dia com toda aquela desgraça. Lembro-me do olhar de Vitória, ela se ajoelhou, pegou a faca da mão de sua mãe e gritou com toda a alma, quebrando o silêncio de todos, com a raiva de si mesma desejou de todo o coração seguir os passos da mãe, pegou a faca em direção ao seu estomago, e com as duas mãos feriu a si mesmo profundamente. E desmaiou em seguida. Como foi horrível sentir tanto medo, eu não tinha ideia do que era a morte daquele jeito, a dor que causava. O seu coração doía tanto, cada batimento era um tormento, o seu cérebro estava queimando, ela não conseguia se movimentar um centímetro de seu corpo. Podemos fazer julgamentos não entendendo, achando que é um ato covarde tirar a própria vida, mas que sentido tem insistir em uma vida que já não te pertence mais?

Terceiro Capítulo

Diga-me se tu conheces uma fórmula mágica de encarar a morte, se entendes por que todos que amamos partem nos deixando no vazio. Sozinhos, sem explicação e sem evolução para a próxima perda, por mais que saibamos que nada somos, agimos como se fôssemos eternos nesse mundo e nunca estamos prontos para partir, sempre vamos sem mala.

A dor de quem fica é tão sufocante, às vezes só uma parte decisiva para expormos o que somos e descobrirmos que em alguns casos o protagonista não é quem morre, é quem fica. Em algumas histórias vemos que pessoas extremamente fortes e decididas estão presas, estão dependentes, ou simplesmente se sente em dívida com alguém, dessa maneira não pode andar adiante e deixar a pessoa amada pra trás, ou se sentirá traída e sem rumo. Então o futuro nos arranca algumas pessoas por que só assim podemos vive-lo. Talvez não seja exatamente o processo da vida e morte, mas vejo que às vezes pedimos grandes mudanças ao universo, e o universo faz sua parte, nos guiando e construindo um caminho sem tropeços para

avançarmos, e para isso ele tem que nos arrancar algumas pedras.

Com a perda da mãe os indiozinhos aprenderam a primeira lição que marcará toda a sua trajetória. A partir daquele momento eles estavam sozinhos, não tinham colo, não tinham pra quem chorar, não tinham pra quem pedir socorro. Teriam que sobreviver a cada segundo de suas vidas, por que sabiam que não haveria misericórdia de mais ninguém. Vitória-Régia foi socorrida pelo cacique que foi chamado minutos após Tainá se ferir, ela ficou algum tempo sozinha após sua perda e para se recuperar do grave ferimento, decidida e com medo do pai, fugiu após se sentir melhor. Ela entrou na floresta, sem se despedir, sem dizer uma palavra. Estava envergonhada e com raiva de si mesma, pois sabia que levaria a culpa por sua mãe desistir de sua vida.

Vitória correu o mais rápido que podia entre as plantas e bichos que surgiam no caminho, ela estava buscando um lugar bem longe para que pudesse gritar a sua dor sem ser ouvida por nenhum índio, era noite, mas ela estava com os olhos secos, se controlando para que não caísse uma só lagrima até que fosse o momento ideal, como uma onça pintada, ela fugia de sua própria

fúria. O seu desejo era de arrancar os olhos de seu pai, e o seu coração desiludido ela se perguntava por que o seu herói havia ferido sua alma tão brutalmente, por que ele estava endemoniado daquele jeito. A pobre índia continuou correndo até o seu coração cansar, os seus joelhos se dobraram e ela caiu no meio da mata, com a velocidade que vinha saiu rolando floresta adentro. De cara na terra, se manteve por alguns minutos, enquanto pensava, a sua cabeça queria explodir. Vitória virou-se e teve uma vista, uma das mais belas de sua vida, a lua estava lhe abraçando, ali presente, majestosa lua, a Deusa das águas e da beleza. Vitória percebeu que estava á menos de dez centímetros do rio. 'Wow!' Essa foi a expressão de Vitória, deixando os seus olhos contemplar aquela imagem perfeita na água. A lua estava radiante, majestosa e pura. Ela se ajoelhou na intenção de tocar a água.

Antes que seus pequenos dedos tocassem a água Vitória ouviu um barulho que a incomodou, era o barulho de passos lentos, calmos, que lembrou a sua mãe, tinha um cheiro bom. Ela ergueu os olhos e olhou fixamente vendo uma mulher, vestida de branco, com os cabelos brancos e brilhantes, com a pele impecável, o seu rosto estava vivo, com